

LIBRASVISUAL: proposta de um material didático para ensino de LIBRAS como L2

Rayane Thaynara Santos¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar um material didático elaborado para o ensino de LIBRAS como segunda língua (L2) bem como refletir e compartilhar a experiência de produção de materiais para esta área de atuação. A necessidade de produção de material vem da percepção e das exposições dos alunos sobre dificuldades que enfrentam ao aprender uma língua de modalidade diferente e do pouco contato com os usuários da LIBRAS, sendo restritos muitas vezes apenas a encontros de uma a duas vezes na semana na sala de aula. Para entendermos melhor o porquê em se falar de material didático no ensino de LIBRAS, fazemos uma breve contextualização sobre o início da libras, os materiais (ou ausência deles) para o ensino de libras bem como o processo de elaboração do material didático LIBRAS-Visual voltado para o ensino dessa língua como L2. O uso do material em sala nos revelou apontamentos relevantes a serem considerados no seu processo de criação bem como abriu espaço para os alunos fazerem sugestões e apontamentos sobre essa metodologia de trabalho. Por fim, concluímos que, mesmo com alguns pontos a serem melhorados, o material foi importante para os alunos bem como para os responsáveis por sua produção como profissionais de ensino.

Palavras-chave:

LIBRAS; L2; Material Didático

Sobre os autores:

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos PPGEL/UFMT, bolsista CAPES/ds. Mestre em Estudos Linguístico PPGEL/UFMT, bolsista CAPES/ds. Especialista em Educação Inclusiva com Ênfase na educação de surdos pelo IFMT (2024). Proficiente na Tradução Interpretação de Libras por meio do ATESTO - MT. Graduada no Curso de Letras-Libras licenciatura (UFMT). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Membro do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem Licor de Pequi. Atualmente é orientadora pedagógica de Libras do projeto de extensão de idiomas da UFMT. | **E-MAIL:** rayanethaynarasantoss@gmail.com | **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5960-5405>

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um material didático elaborado para o ensino de LIBRAS como segunda língua (L2) bem como refletir e compartilhar a experiência de produção de materiais didáticos para o ensino de Libras. Esses materiais foram produzidos para uso no curso de extensão de LIBRAS, pertencente ao Instituto de Linguagens, bem como na disciplina de LIBRAS no curso de pedagogia na modalidade EAD da Universidade Federal de Mato Grosso. O material didático, intitulado LIBRAS Visual, foi elaborado pelo coordenador do curso de extensão de uma professora bolsista.

A necessidade de produzir esse material didático vem da percepção e das exposições dos alunos ouvintes, que podem ter LIBRAS como L2, sobre a dificuldade que enfrentam em aprender uma língua de modalidade diferente e do pouco contato com os usuários da LIBRAS, sendo restritos muitas vezes apenas com os encontros de uma a duas vezes na semana na sala de aula. Essa informação é corroborada por Santos (2014) em seu relato e reflexão sobre o mesmo tema na Universidade de Pelotas (UFPel).

Nosso foco em material didático como L2, se deve a nossa proposta de curso de extensão em que nosso público-alvo são profissionais da educação e pessoas ouvintes interessadas em conhecer e difundir o uso da Libras, permitindo assim a inclusão e acessibilidade de estudantes surdos.

A língua de sinais é uma língua de modalidade espaço-visual, o que segundo Quadros (2004) significa que a informação linguística é recebida pelos olhos e produzidas pelas mãos, sendo completamente diferente da primeira língua dos alunos, a língua portuguesa que possui modalidade oral-auditiva.

Neste artigo abordamos, então, a experiência de produção de um material didático pensado em sua totalidade para o ensino e aprendizado de língua de sinais como L2, partindo de uma reflexão sobre os materiais didáticos existentes, ou a ausência deles, e depois apresentando o material didático elaborado e sua aplicação em uma sala de aula.

O INÍCIO DA LIBRAS COMO LÍNGUA

A institucionalização da Libras tem como marco o dia 22 de junho do ano de 1855, data em que se registra o envio de uma carta de E. Huet, um conhecido professor surdo francês, ao imperador Dom Pedro II com o objetivo de propor a fundação de uma escola para atender crianças surdas (COVEZZI, 2019, p.32).

Tendo em vista que o princípio da institucionalização da língua de sinais deuse por meio de um professor francês, a língua francesa de sinais teve muita influência nos sinais brasileiros, e se misturou à língua. O primeiro registro da

língua de sinais, no Brasil, aconteceu em 1875, com a elaboração do livro *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* de autoria de Flausino José da Gama, ex-aluno do Colégio Nacional para Surdos-Mudos (COVEZZI, 2019, p.40).

Podemos apontar aqui que tal livro é o primeiro com o intuito de difundir e ensinar a língua de sinais. O livro tem registrado 380 sinais, divididos em 20 estampas e é organizado por grupo semântico.

Para além da sua institucionalização em 1855, teremos o reconhecimento oficial da Libras apenas no início do século 21.

A língua de sinais tem seu início oficial com a Lei 10.436 de 2002, em seu Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL,2002)

A partir dessa lei, a LIBRAS passa a ser vista e discutida principalmente nos espaços educacionais, onde era mais vista e necessária. No ano de 2005, como decreto nº 5626, a lei é regulamentada e temos, por conta disso, especificações acerca da LIBRAS e como ela estará nos espaços educacionais bem como deixando claro o direito da pessoa surda. (BRASIL,2005)

Um ponto importante do decreto é o artigo 3º que especifica:

a inclusão da língua como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, sendo incluídas todas às licenciaturas, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial, além dos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, no sistema federal de ensino e dos sistemas dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005, p. 01).

E complementa no artigo 10 dispondo que:

as instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005, p.2).

A inclusão da disciplina de LIBRAS nos cursos superiores iniciou um debate sobre como ensinar essa língua, pois, apesar de sua obrigatoriedade, não existe nenhum documento, uma matriz curricular, que diga exatamente o que cada aluno deve desenvolver em termos de habilidades e competências. Além disso, surge um problema que é o material didático.

Essa problemática ganha destaque com a promulgação da Lei nº 14.191 de 2021 sobre a educação bilingue para surdos. Ainda que essa lei se relacione especificamente com a pessoa surda, ela abre mais debates sobre o ensino da Libras como L2 também tendo em vista que o corpo docente será composta de ouvintes e surdos que necessitam de fluência na Libras.

Retomando o material didático, pensando na capacitação de futuros profissionais e demais pessoas interessadas sabemos que apesar de, no nível

superior, não existir um material específico, existem conteúdos de aprendizado e autores de referência sobre os temas das disciplinas em geral, algo que não ocorre com a língua de sinais. Sobre o material didático veremos um pouco mais no próximo tópico.

AUSÊNCIA DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LIBRAS

Os materiais didáticos de libras, sejam vídeos, livros, jogos ou materiais na internet são escassos, situação muito diferente daquela encontrada por outras línguas estrangeiras em que há muitos materiais disponíveis.

Além de serem poucos, os materiais existentes seguem um padrão de ensino de vocábulo, com pouca abordagem comunicativa, dando ênfase mais em aprender o vocabulário, os sinais isolados do que como usá-los em situações reais de comunicação.

Um dos materiais mais conhecidos na área da LIBRAS é o livro Libras em contexto, de autoria de Tanya A. Felipe, primeira versão de 1997, e sua versão mais atualizada do ano de 2007. Apesar de ser o mais conhecido nacionalmente, não acompanha o desenvolvimento da língua. Além disso, se trata de um livro de Brasília, que não reflete a realidade linguística de todos os estados brasileiros e, portanto, não é aproveitado em sua totalidade em centros de ensino que não sejam em Brasília.

Em Mato grosso temos alguns materiais próprios como: LIBRAS – Língua brasileira de Sinais, elaborado pelo SENAI; apostilas de curso básico e intermediário de LIBRAS de produção do CAS/MT – Centro de Formação dos Profissionais da Educação e Atendimento à Pessoa Surda de Mato Grosso, sendo os dois materiais voltados para cursos com 60 horas de estudo (DUARTE,2011).

O que estes materiais têm em comum é o paradigma de ensino-aprendizagem de língua, que subjaz a produção de um material didático. Nestes casos, adotam outras abordagens que não a abordagem comunicativa. Ambos apresentam poucas contextualizações sendo predominante o aprendizado de vocabulário.

Outro aspecto é que esses materiais se encontram em meio impresso e o papel, por sua estaticidade, não consegue repassar um constituinte importante da língua de sinais que é o movimento, sendo esse o principal questionamento dos alunos. Quando se deparam com fotos ou desenhos, a principal dúvida é qual o movimento correto dos sinais.

E esse aspecto foi relevante para a escolha do modo de produção do nosso material didático que será explicado no tópico seguinte.

O NOSSO MATERIAL DIDÁTICO

Como comentado no tópico anterior, os materiais didáticos para ensino de

libras são escassos e muitos dos que existem precisam de adaptações constantes por possuírem sinalizações não correspondentes com a realidade local dos estudantes. Outro fator é eles serem desenvolvidos em material impresso que perde parte da característica dessa língua que é o movimento.

Mas ao iniciar o nosso material uma dúvida veio à mente, qual conteúdo abordaríamos? Como faríamos a sequência aquedada de apresentação dos conteúdos sem deixar confuso e prejudicar o progresso do aluno?

Essas dúvidas surgiram por não termos um documento oficial proveniente de uma instância superior, como o MEC, que poderia indicar quais conteúdos os alunos devem aprender em cada nível de estudo. No entanto, existe o Quadro Comum Europeu de Referências para Línguas (QCER), que, mesmo não explicitando conteúdos exatos, , elabora listas complexas de competências e habilidades que o aprendiz de línguas deve dominar ao final de cada nível (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Além disso, Lajolo (1996, p.5) afirma que o material didático deve atender “simultaneamente, a dois leitores: o professor e o aluno”. Assim nossa preocupação ia para além do conteúdo a ser abordado, mas questionava também a forma de apresentar esse material de forma que se contemplasse o professor e o aluno.

Tendo em vista que os materiais impressos não apresentam a melhor qualidade de entendimento dos conteúdos em libras, optamos por fazer um material totalmente em vídeo sinalizado. O público escolhido para iniciarmos esse material foi de nível básico 1, que segundo o QCER (2001) deve ser,

capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que têm. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante(QCER, 2001, p.49).

Tomando o QCER como guia, escolhemos os conteúdos essenciais para o desenvolvimento das competências. Na sequência, elaboramos textos com situações do dia-a-dia para contextualizar o conteúdo. Os textos variavam de encontros casuais e questionamentos sobre o bem-estar do outro, a diálogos mais complexos como por exemplo a busca por um animal perdido por seu dono.

Para cada contexto, uma atividade era realizada em sala. Na situação do animal perdido, por exemplo, o objetivo eram os pronomes interrogativos e como atividade em sala os alunos deveriam formular perguntas, fazendo uso dos pronomes aprendidos, para afirmações que foram apresentadas em formato de vídeo. Essa atividade exigia dos alunos a compreensão sobre o que era sinalizado no vídeo, ver o sinal e compreender o significado, e produzir em sinais praticando assim os sinais de pronomes e outros sinais já pertencentes ao seu vocabulário.

Todo o material teve contribuição metodológica de diversos teóricos, no entanto o que teve maior destaque foi a abordagem comunicativa. Segundo Leffa (1988 p.224)

o desenvolvimento de uma competência estratégica - saber como usar a língua para se comunicar - pode ser tão ou mais importante do que a competência gramatical. O material usado para a aprendizagem da língua deve ser autêntico. Os diálogos devem apresentar personagens em situações reais de uso da língua, incluindo até os ruídos que normalmente interferem no enunciado (conversas de fundo, vozes distorcidas no telefone, dicções imperfeitas, sotaques, etc.).

Foi pensando nessa abordagem que todo o material foi desenvolvido, priorizando situações reais de comunicação que os alunos poderiam participar.

LIBRAS VISUAL: APLICAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Com o material didático pronto, introduzimo-lo em sala de aula e o colocamos em prática. A turma escolhida foi de Libras básico 1, tendo um encontro por semana com duração de 4 horas, durante quatro meses totalizando 60 horas de curso. A turma era composta por dez alunos que nunca tinham tido contato com língua de sinais. A turma variava em faixa etária, de 18 a 56 anos.

O material foi utilizado desde a primeira aula, sendo sempre apresentada primeiramente a versão sem legenda, seguida de questionamentos sobre o que tinham compreendido. Nenhuma informação foi dada diretamente aos alunos, ao contrário, eles foram estimulados a compreender o que se passava no vídeo e discutindo entre eles.

A dinâmica de uso dos vídeos em sala foi a mesma solicitada aos alunos para que repetissem em casa, com a finalidade de estudarem e reverem o conteúdo. Além de terem outras atividades, baseadas no material didático, que eles deveriam produzir.

Inicialmente, houve uma resistência por parte dos alunos em utilizarem esse tipo de material didático por não estarem acostumados. Além disso, outro fator de resistência e baixa adesão, inicialmente, foi o fato de os vídeos por mais breves que fossem pesarem muito nos dispositivos móveis ou nos computadores de cada.

No entanto após a quarta aula, os alunos perceberam que era necessário estudarem por meio dos vídeos, pois o conteúdo se complementava a cada aula e assim, eles precisavam ter todas as dúvidas sanadas dos conteúdos anteriores se quisessem se desenvolver no aprendizado dessa nova língua.

Fazer uso real do material foi de extrema importância para percebermos alguns pontos muito importantes que precisavam ser revisados no material.

O primeiro aspecto é que a língua de sinais como dito é uma língua de modalidade visuo-espacial, e para quem não está habituado a essa modalidade de língua a velocidade de sinalização é relevante. Enquanto nós que realizamos as

filmagens acreditávamos que a velocidade era adequada para alunos iniciantes, os cursistas tinham uma opinião contrária. Muitos questionavam a velocidade dizendo serem muito avançadas para eles, mesmo para os que destinavam tempo durante a semana fora da aula para estudarem.

Outro ponto comentado pelos alunos foi a qualidade das filmagens. Não tínhamos equipamento adequado (uma câmera profissional, nem iluminação) fizemos as filmagens com aparelho celular com câmera de alta qualidade, e nem tínhamos uma equipe para auxiliar todo o processo. E, apesar de todo o cuidado com as filmagens, alguns vídeos foram questionados sobre a baixa qualidade. E eles disseram que isso prejudicou a aprendizagem.

Esse é um ponto interessante pois, apesar de ter a graduação em Letras-LIBRAS na instituição e diversas disciplinas se utilizarem de produções filmadas, e existir o curso de extensão em LIBRAS que também se utiliza material visual, o Instituto de Linguagens ainda não possui uma sala equipada para tal finalidade.

Apesar desses pontos negativos, os alunos foram unânimes em dizer que o uso dos vídeos com o conteúdo dentro de contextos e com atividades em vídeo sinalizadas também no formato de vídeo foi essencial para eles se desenvolverem, pois se sentiram desafiados e instigados.

Vale ressaltar que os vídeos não foram os únicos materiais utilizados durante as aulas, mas foram os principais, pois o conteúdo contextualizado vinha prioritariamente em formato de vídeo. Os outros recursos foram utilizados para fixação de vocabulário e desenvolvimento da competência de produção e comunicação.

Por fim, a avaliação dos alunos ao final do curso sobre o material utilizado foi muito positiva, pois, segundo relatos, esse material permitiu a eles mais segurança ao tentar se comunicar e, por ser em vídeo, permitiu um estudo mais eficaz do que slides ou livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de poucos materiais para ensino de libras, isso não é de todo ruim, pois nos permitiu a liberdade de criar materiais voltados para um público específico levando em consideração os aspectos linguísticos e culturais próprios desse grupo.

Além disso, o ato de produzir um material implica em um maior estudo por parte dos que se propõe a essa tarefa e tem por consequência uma maior reflexão acerca da língua, no nosso caso a LIBRAS. O processo de criação de um material, ainda mais sendo um material completamente visual, nos exige outras habilidades que extrapolam o saber o conteúdo e isso é enriquecedor.

Refletir sobre esse processo me fez enxergar a língua como algo maior do que apenas saber ela, ou ler sobre ela. Me fez entender que a forma como ela é transmitida, ensinada, compartilhada é muito relevante para um bom progresso

do aluno. E todo ato de ensinar em também um ato de aprender. Em todo o processo em que estive desenvolvendo esse material eu aprendia, aprendia sobre a língua, aprendia sobre os processos de ensino aprendido, aprendia mais sobre uma língua que eu já tinha domínio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Ministério da Justiça, 2005.

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, Ministério da Justiça, 2002.

BRASIL. Lei n.º 14.191, de 24 de novembro de 2021. Dispõe sobre a modalidade de Educação Bilingue de surdos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, Ministério da Justiça, 2021.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: [http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro Europeu total.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf) Acesso em: 13/01/2020. [Links]

COVEZZI, Marta Maria. Os caminhos da pesquisa. In: Empréstimos Linguísticos de origem francesa na Língua Brasileira de Sinais. 2019. Tese (doutorado em linguística). p. 27- 53

DUARTE, Anderson Simão. Ensino de libras para ouvintes numa abordagem dialógica : contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático / Anderson Simão Duarte. -- 2011.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. In: Em aberto: livro didático e qualidade de ensino, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996, p. 3-9.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf>.

Acesso em: 13/01/2020.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Angela Nediane dos. LIBRAS NA UFPEL: EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA LIBRAS COMO L2 A PARTIR DA ABORDAGEM COMUNICATIVA. XVII Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE, A Didática e a prática de Ensino nas Relações entre escola, formação de professores e sociedade. FE/UNICAMP, Campinas.



LIBRAS VISUAL: proposal of a didactic material for teaching LIBRAS as L2

Rayane Thaynara Santos 1

Abstract

This article aims to present didactic material designed for teaching LIBRAS as a second language (L2) as well as to reflect and share the experience of producing materials in this area of activity. The need to produce material comes from the students' perception and expositions about the difficulties they face when learning a language in a different modality and the least contact with LIBRAS users, being restricted many times only to meetings once or twice a week in the classroom. To better understand the reason for talking about the didactic material in the teaching of LIBRAS, we make a brief contextualization about the beginning of Libras, the materials (or lack thereof) for teaching Libras as well as the process of elaborating the didactic material LIBRAS-Visual aimed at teaching that language as L2. This article aims to present didactic material designed for teaching LIBRAS as a second language (L2) as well as to reflect and share the experience of producing materials for this area of activity. The need to produce material comes from the students' perception and expositions about the difficulties they face when learning a language in a different modality and the little contact with LIBRAS users, being restricted many times only to meetings once or twice a week in the classroom. To better understand the reason for talking about didactic material in the teaching of LIBRAS, we make a brief contextualization about the beginning of Libras, the materials (or lack thereof) for teaching Libras as well as the process of elaborating the didactic material LIBRAS-Visual aimed at teaching that language as L2. The use of the material in the classroom revealed relevant notes to be considered in its creation process, as well as opened space for students to make suggestions and notes about this work methodology. Finally, we concluded that, even with some points to be improved, the material was important for the students as well as for those responsible for its production as teaching professionals.

Keywords:

LIBRAS; L2; courseware
